

PSICOLOGIA DO ESPORTE: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

*Alexandre Roberto Moretti **

RESUMO

Atualmente a sociedade tem passado por experiências, transformações e evoluções que necessitam ser entendidas pelas ciências, para que o ser humano possa, utilizando-se do saber científico, desenvolver plenamente suas potencialidades; necessidades estas que requerem o surgimento de “novas” áreas de atuação da Psicologia, a fim de cumprirem o seu papel social e investigatório.

Desde a década de 50, a Psicologia vem conquistando, ainda que com muitas dificuldades, seu espaço na área do esporte. Devido às necessidades específicas oriundas da prática esportiva surgiram diversos campos de atuação, tais como: Esporte de Reabilitação, Esporte Recreativo, Esporte Escolar e Esporte de Alto Rendimento, sendo que este último envolve as competições de alto nível nas quais são ganhos os campeonatos, e “quebram-se” os recordes ou superam-se limites. Tais exigências são cada vez mais acentuadas pela sociedade globalizada. Nestas competições os aspectos técnicos, táticos e físicos dos atletas são equivalentes, surgindo a Psicologia do Esporte, como um diferencial.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, histórico da Psicologia do Esporte no Brasil, evolução da Psicologia do Esporte, atribuições e funções do psicólogo do esporte.

ABSTRACT

Nowadays, society has been passing through experiences, transformations and evolutions that need to be understood by the sciences, so that the human being is able to develop its potentialities completely, using the scientific knowledge; these needs require the development of “new” action fields in Psychology, in order to play their social and investigative role.

Since the 50's, Psychology has been gaining space with sports, in spite of the difficulties. Owing to the particular necessities that derive from the sports practice, several action fields have appeared, such as: sports for rehabilitation, sports for recreation, sports in schools, high performance sports that involve high level competitions where championships are won, records are “broken” and limits are defeated. These requirements are increasingly accentuated by the globalized society. In these competitions the athletes technical, tactic and physical aspects are equivalent, thus arises the Psychology in Sports as a differential.

Key-words: Psychology in Sports, history of the Psychology in Sports in Brazil, evolution of the Psychology in Sports, sports psychologist attributions and functions.

* Psicólogo - formado pela Faculdade de Psicologia Padre Anchieta – FAPPA.

EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL

A Psicologia do Esporte no Brasil “nasceu” numa época em que nem mesmo a Psicologia era reconhecida como profissão aqui no Brasil; trata-se do início da década de 50, em que o Brasil participava do jogo final do Campeonato Mundial de Futebol, no maior estádio do mundo, ou seja, jogando em casa. Sofreu uma derrota que, até hoje, é um tabu, segundo Rubio (2002).

Foi nestas condições que João Carvalhaes, em 1957, desenvolveu um trabalho psicológico com juízes de futebol na Federação Paulista de Futebol e, mais tarde, em 1958, com a seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo, conquistando o primeiro título mundial para o país, na Suécia (Machado, 1997; Rubio, 2000).

Em 1959, João Carvalhaes apresentou no VI Congresso Interamericano de Psicologia, no Rio de Janeiro, o trabalho Experimentações Psicológicas no Esporte. Até então, a Psicologia não era reconhecida como profissão no Brasil, tornando-se como tal em 1962 e provocando mudanças tanto no âmbito acadêmico como no profissional, gerando novas perspectivas. No mesmo ano, Athayde Ribeiro da Silva trabalhou com a Seleção Brasileira de Futebol, na Copa do Mundo realizada no Chile, sendo esta novamente campeã.

Athayde Ribeiro da Silva e Emilio Mira escreveram o primeiro livro de Psicologia do Esporte brasileiro, em 1964, intitulado *Futebol e Psicologia*. Em 1965, no I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Roma, Athayde novamente representou o Brasil com o tema *Observações sobre Psicologia aplicada ao futebol*, relatando sua experiência com a seleção bicampeã do mundo (1962).

Dois anos mais tarde, em 1967, foi publicado o segundo livro de Athayde: *Psicologia esportiva e a preparação do atleta*, no qual buscava ampliar a aplicação da psicologia a outras modalidades, não apenas ao futebol.

No II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Washington, realizado em 1968, quem representou o Brasil desta vez foi João Carvalhaes apresentando: *Correlações entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol*, sendo esta uma grande novidade para a psicologia brasileira de então, e uma curiosidade para pesquisadores de outros países que acompanhavam a “performance” da Seleção Brasileira de Futebol.

Neste ínterim a Psicologia foi se desenvolvendo em faculdades e universidades, formando profissionais com conhecimentos gerais (as principais áreas de atuação/abordagens) e específico (psicologia clínica). Poucos foram os profissionais que migraram para outras áreas, mas em 1971 o psicólogo João Serapião realizou um trabalho no Guarani Futebol Clube, na cidade de Campinas, aumentando a participação da psicologia no âmbito social.

Em 1973, o psicólogo Paulo Gaudêncio trabalhou no Sport Clube Corinthians, que em 1982 também receberia o psicólogo Flávio Gikovate. João Carvalhaes, em 1974, escreveu o livro *Psicologia no Futebol*, no qual descreve o trabalho realizado nessa modalidade esportiva e as suas particularidades, conforme propõe Rubio

(2000b).

Em 1976, no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, na cidade de São Paulo, iniciou-se o trabalho do psicólogo Mauro Lopes de Almeida, alcançando outras modalidades esportivas. Em 1976, desenvolveu-se em São Caetano do Sul, na grande São Paulo, o CECLAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul), o setor de psicologia aplicada ao esporte coordenado pela psicóloga Sandra Cavasini, segundo Abdo (2000).

No ano de 1979, na cidade de Novo Hamburgo, RS, foi fundada a SOBRAPE, Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, filiada à Internacional Society of Sport Psychology (ISSP), cujo presidente-fundador foi o psicólogo Benno Becker Junior. Somente onze anos mais tarde, em 1990, foi fundada a Sociedade de Psicologia Aplicada ao Esporte, atividades físicas e recreação de São Paulo (SPAESP), sendo filiada à SOBRAPE.

Em outubro de 1981, na cidade de Porto Alegre, RS, ocorreu o I congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, organizado pela SOBRAPE.

O Esporte Clube Pinheiros implantou o Centro de Preparação Psicológica, em 1982, sob a supervisão inicial do psicólogo Willian U. de Lima e posteriormente sob a coordenação da psicóloga Eliane Abdo Philippi juntamente com vários psicólogos. Ampliaram o campo de atuação da psicologia com a exploração desta em diversas modalidades que o clube abrigava. A base do trabalho de Psicologia constituía-se de psicodiagnóstico esportivo e suporte psicológico. Esse departamento foi extinto em 1997; o resultado dessas experiências foram diversas pesquisas divulgadas e publicadas em congressos brasileiros e internacionais de Psicologia do Esporte.

Um grande marco ocorrido em 1986 para a Psicologia do Esporte foi ser reconhecida como especialidade de número 47 pela American Psychological Association (APA), e somente quinze anos mais tarde, em 2001, no Brasil, passou a ser atribuído o título de especialista ao psicólogo.

Principalmente a partir da década de 90, houve um considerável aumento na produção científica. Inúmeros trabalhos foram (e estão sendo) realizados em diversas equipes e modalidades esportivas. O mais recente trabalho divulgado foi com a Seleção Brasileira de Futebol em 2002, com a psicóloga Regina Brandão mostrando resultado e conquistando o Penta campeonato. No ano seguinte, o técnico Luiz Felipe Scolari, desta mesma seleção campeã, participou da "Jornada Futebol e Psicologia" (realizada na universidade São Judas Tadeu) e apresentou o tema "Contando a experiência com assessoria psicológica na seleção brasileira de futebol de 2002". Ele relatou como foi o trabalho psicológico e atribuiu o pentacampeonato à psicóloga Regina Brandão, ressaltando o êxito da referida psicóloga que, a despeito de exigüidade de tempo, conseguiu fazer o grupo mais unido, jogando em conjunto. Disse também que um time de "estrelas" não funciona e todos devem trabalhar juntos, o que não acontecera na Copa anterior. Ressaltou, por inúmeras vezes, que o trabalho psicológico é fundamental no esporte.

Mas a Psicologia do Esporte acadêmica não acompanha este ritmo de desenvolvimento, ficando nítida nela uma desarmonia entre a prática e a teoria. Isto fica evidenciado pelo fato de que a prática é desenvolvida sob embasamento teórico, contudo, as comprovações científicas dessa mesma prática não são adequadamente consideradas. As grades curriculares de faculdades e universidades, em sua maioria, não foram modificadas desde sua criação, e continuam visando principalmente a área clínica. Devido a essa realidade, algumas universidades desenvolveram cursos de mestrado e doutorado (na área da motricidade humana) e até algumas especializações, tentando reverter este quadro, atendendo necessidades tanto da psicologia como do esporte.

PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL EM RELAÇÃO AO MUNDO

De acordo com Machado (1997, p.7) “a criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, datada de 1965, em Roma, demonstra-nos que essa área de conhecimento é recente em todo o mundo”. E o Brasil que acompanha todo esse processo “de longe”, por ter começado a se desenvolver no final da década de 50, e somente na década de 90 tem contribuições mais significativas – enquanto nos Estados Unidos, os pioneiros iniciaram estudos na década de 20 – sente na “pele” as conseqüências dessa falta de conhecimento científico, sofrendo uma crise existencial, dividida pela prática (avançada) e pela teoria (estacionada), ficando, assim, sem uma definida identidade.

A Psicologia do Esporte sofre as mesmas conseqüências que sofre uma pessoa sem uma identidade definida, como um adolescente no mundo dos adultos. Essa transição à maturidade, da Psicologia do Esporte como ciência é um processo que demanda tempo, pesquisas e esforços incansáveis.

A fim de amenizar essa crise existencial, os cursos de graduação em Educação Física implantaram a disciplina Psicologia em suas grades curriculares há mais de 20 anos. Este fato explica a procedência da maioria dos profissionais vindos desta área. De acordo com Becker Junior (2000), que relata a experiência de criar o primeiro curso de pós-graduação da América do Sul em 1995,

“Havia quarenta vagas, sendo vinte para psicólogos e vinte para professores de Educação Física. A surpresa foi que somente cinco psicólogos se inscreveram, e trinta e cinco professores de Educação Física. Em 1997 as trinta vagas existentes foram preenchidas por professores de Educação Física. Em 1998, (...) trinta professores de Educação Física e cinco para Psicólogos. Em 1999 com trinta e cinco professores de Educação Física e cinco Psicólogos” (Becker Junior, 2000, p.117).

Por outro lado, nos atuais cursos de graduação em Psicologia no Brasil raramente encontra-se a cadeira Esporte ou Psicologia do Esporte em suas grades curriculares. Este fato agrava a crise de identidade por parte da “ciência mãe”, a Psicologia, sendo esta somente “adotada” nos cursos de mestrado, doutorado e

cursos de especialização. “A inadequação da formação profissional dos psicólogos brasileiros(...) parece estar interferindo negativamente na definição social do papel do psicólogo do esporte, bem como na qualidade da atuação prática deste profissional” (Largura, 2000, p.11).

Vários autores argumentam sobre a formação básica e generalista que o Psicólogo recebe na graduação, sendo que o aluno, no transcorrer de seu curso, acaba tendo a oportunidade de “aprender”, de uma maneira geral, apenas as três ou quatro grandes áreas de atuação, havendo, ainda, entre estas áreas, a predominância da Psicologia Clínica sobre as demais áreas na maioria dos currículos. Nos Estados Unidos isso não ocorre, pois para obter a licença obrigatória para exercer a função de psicólogo deve-se passar pela graduação e mais um curso posterior de aproximadamente 2.000 horas. Desta forma, o profissional está apto para atuar em uma única área, para a qual foi devidamente preparado (Largura, 2000, p. 11).

No Brasil, a formação do Psicólogo é voltada principalmente para a área de atuação em clínica (consultórios), seguindo o modelo elitista de Freud (modelo médico), e, como consequência, não cumpre seu papel social. Não cumprindo seu papel social, deixa de alcançar a maioria da população, diminuindo a credibilidade da Psicologia como um todo e aumentando os preconceitos para com ela.

Este fato está sendo amplamente discutido por profissionais da área, através dos respectivos conselhos regionais de Psicologia, que estão tentando reverter este quadro. Como exemplo dessa preocupação, foi realizado o I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, em setembro de 2002.

O desbravamento de novas áreas é um movimento no sentido de abranger o meio como um todo; mas, como toda evolução, não ocorre de um dia para o outro. Este caminho tortuoso aos poucos está sendo trilhado. O apoio de faculdades, universidades, mestrados e doutorados é de fundamental importância para clarificar e apontar o rumo certo. Visto que isso não ocorre somente com a Psicologia do Esporte, várias novas áreas da Psicologia estão passando pelo mesmo processo. Algumas delas como: a Psicologia do Trânsito, a Psicologia Forense, a Psicologia Hospitalar, a Psicologia do Marketing, dentre outras, inclusive a Psicologia Social.

Como a base de todo o processo é a formação, Largura (2000) aponta para o resultado da formação dos psicólogos brasileiros:

“... apenas a minoria dos profissionais formados buscam um aprimoramento técnico-científico para uma determinada área, a maioria acaba trabalhando durante anos com o pouco e geral que teve a oportunidade de estudar na graduação e com a experiência prática.” (Largura, 2000, p.13)

Esse resultado pode ter inúmeras variáveis, mas é fato. Portanto, é de imensa responsabilidade dos cursos de graduação oferecer uma base mais sólida para que a Psicologia possa, realmente, mostrar a sua validade e abrangência para a sociedade.

Rubio (2000b) também aponta para a necessidade de uma melhora nos cursos de formação, salientando que os recém-formados enfrentam grandes dificuldades

para intervir adequadamente no Esporte, uma vez que os cursos de Psicologia ainda não formam e nem qualificam o graduado para a possibilidade de atuação na Psicologia do Esporte.

PSICOLOGIA DO ESPORTE, O QUE É?

Após entender como a Psicologia do Esporte “nasceu” no Brasil, surgem as dúvidas: O que é? Para que serve? O que estuda? Para quem?

A Psicologia do Esporte segundo a American Psychological Association (APA) é o estudo científico dos fatores psicológicos que estão associados com a participação e desempenho no esporte, exercício e outras formas de atividade física.

Relacionando e também afirmando o objeto de estudo, segundo De Rose Jr. (2000), podemos entender que a Psicologia do Esporte é o estudo do comportamento dos atletas em situações esportivas; das influências do esporte ou de determinadas situações sobre o comportamento dos atletas em situações esportivas competitivas; das relações entre características individuais dos atletas e situações esportivas competitivas; e das influências de fatores extra-competitivos e o comportamento dos atletas.

Outros autores, além de afirmarem o objeto de estudo, apontam para a aplicação da Psicologia do Esporte definindo-a como “O estudo científico das pessoas e de seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação prática desse conhecimento” (Weinberg e Gould, 2001, p. 28). Especificando um pouco mais, temos: “A identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta”. (Wilians e Straub, 1991 apud Rubio, 2000b, p. 16).

A Psicologia do Esporte está relacionada com os fundamentos, processos e conseqüências das normas psicológicas das atividades esportivas para uma ou várias pessoas atuando como sujeitos desta atividade. O foco deve concentrar-se no comportamento ou nas diferentes dimensões do comportamento humano, isto é, afetivo, cognitivo, motivacional ou sensório-motor, segundo a European Federation of Sport Psychology.

Brandão (2000, p. 38) está de acordo com os seguintes autores:

“É a ciência da psicologia aplicada ao esporte e às situações esportivas” (Singer, 1978); “É o efeito do esporte sobre o comportamento humano” (Aldermen, 1980); “É o campo de estudo no qual os princípios da psicologia são aplicados no ambiente esportivo” (Cox, 1985); “É o ramo das ciências do esporte e do exercício que busca fornecer respostas para questões sobre o comportamento humano no esporte” (Gill, 1986); “É uma sub área da psicologia que focaliza o atleta e o esporte” (Cratty, 1989);

e aponta para a dificuldade de se encontrar um consenso sobre o que é a

Psicologia do Esporte sendo que um autor contradiz o outro quanto à sua origem. Mas podemos entender que é a junção de duas grandes ciências. O que fica evidente é que cada autor enfatiza aspectos sobre os quais está pesquisando e a sua área de formação, seja ela a Educação Física ou a Psicologia. No Brasil, como já visto, a maioria dos psicólogos do esporte são originários da Educação Física.

Entende-se que a Psicologia do Esporte pode ser utilizada por atletas, por técnicos, por treinadores, por grupos, por praticantes dos mais diversos exercícios, por crianças, por pessoas em reabilitações (lesões físicas, disfunções como cardiopatias, depressão, drogaditos), em socializações, no lazer, em atividades físicas, na educação, nas interações com os pais, com a comissão técnica (dirigentes), na mídia, com torcida, com juízes, em academias, enfim, envolve toda população relacionada ao esporte e à atividade física.

Outra dúvida surge: existe diferença entre Psicologia *do* Esporte e Psicologia *no* Esporte? Muitos autores e autoras afirmam que a diferença não está só na preposição, mas sim no sentido da atuação da psicologia em relação ao esporte:

“o termo Psicologia do Esporte representa uma apropriação da Psicologia pelo Esporte, e pode significar também uma Psicologia submetida à ideologia vigente na atividade esportiva, (...) Psicologia do Esporte sugere que o instrumento é a Psicologia e o fim, o Esporte.” (Franco, 2000, p. 3).

Esclarecendo ainda, encontramos que a Psicologia *do* Esporte está relacionada com a *interpretação psicológica* do fenômeno esportivo, ou seja, que ela, a Psicologia, é utilizada para explicar o sentido do fenômeno esportivo. E *no* Esporte, o enfoque da Psicologia do Esporte passa a ser um estudo sobre os tipos de *intervenções psicológicas* que o esporte deve requerer, ou seja, utilizam-se técnicas e procedimentos da Psicologia para transformar/modificar as relações dos atletas em relação ao esporte (Feijó, 2000).

Podemos dizer que a Psicologia do Esporte abrange a Psicologia no Esporte, e que a Psicologia do Esporte é uma ciência que engloba várias outras Psicologias (ramos), tais como: a Psicologia do Desenvolvimento; a Psicologia Social; a Psicologia Educacional; a Psicologia Experimental; a Psicologia da Personalidade e por último a Psicologia Clínica. Todos estes ramos da Psicologia contribuem para o esporte. Cada uma com suas especificidades e com seu grau de envolvimento (Singer, 1977).

EVOLUÇÃO DA PROFISSÃO: FUNÇÕES E ATRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO DO ESPORTE NO BRASIL

Atualmente, a Psicologia do Esporte ganhou o reconhecimento como especialidade profissional, sendo incluída na Resolução em que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) divulgou:

“Após ampla discussão em nível nacional, que envolveu todos os Conselhos Regionais, a APAF (Assembléia Política Administrativa Financeira), dentro de suas

atribuições, deliberou e aprovou a Resolução CFP nº 02/01 que instituiu o título profissional de especialista em Psicologia do Esporte, respectivo registro nos Conselhos Regionais. A Resolução passou a vigorar a partir de 22 de março de 2001.”

Neste artigo, o Conselho Federal de Psicologia define quais são os requisitos necessários para a obtenção do título de especialista, podendo este prestar concurso de provas e títulos (a partir de 2002) ou ter concluído o curso de especialização que deverá ser credenciado pelo MEC/CFP. Psicólogos que até 17 de dezembro de 2001 tenham mais de cinco anos de experiência profissional acumulada deverão procurar o CRP, dando entrada à solicitação de concessão do título e seu respectivo registro. O artigo também esclarece que o número total de horas que os cursos de especialização devem ter é de 500 horas, estipulado e julgado como necessário para garantir teoria e prática suficientes para o exercício profissional competente em uma determinada área. Já nos Estados Unidos, a American Psychological Association (APA) estipulou que os cursos de especialização (obrigatórios para exercício da profissão de psicólogo) devem ter a duração de aproximadamente 2.000 horas.

Para a definição das especialidades basearam-se no Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho (MT). A resolução CFP nº 014/00 regulamentou algumas especialidades que se configuraram como mais definidas e consensuais. São elas: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia do Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade.

No detalhamento das atribuições (profissionais) do Psicólogo do Esporte encontra-se:

“1- Procede o exame das características psicológicas dos esportistas, visando o diagnóstico individual ou do grupo, dentro da atividade em que se encontram; 2- Desenvolve ações utilizando-se de técnicas psicológicas contribuindo em nível individual, para realização pessoal e melhoria do desempenho do esportista e em nível grupal, favorecendo a otimização das relações entre esportistas, pessoal técnico e dirigentes; 3- Realiza atendimento individual ou em grupo de esportistas, visando a preparação psicológica no desempenho da atividade física em geral; 4- Acompanha, assessora e observa o comportamento dos esportistas, visando o estudo das variáveis psicológicas que interferem no desempenho de suas atividades específicas (treinos, torneios e competições); 5- Orienta pais ou responsáveis visando facilitar o acompanhamento e o desenvolvimento dos esportistas; 6- Realiza estudos e pesquisas individualmente ou em equipe multidisciplinar, visando o conhecimento teórico-prático do comportamento dos esportistas, dirigentes e público no contexto da atividade esportiva; 7- Elabora e participa de programas e estudos educacionais, recreativos e de reabilitação física orientando a efetivação de um trabalho de caráter profilático ou corretivo, visando o bem-estar dos indivíduos; 8- Colabora para compreensão e mudança, se necessário do comportamento de educadores no processo de ensino-aprendizagem e nas relações inter intra pessoais

que ocorrem no ambiente esportivo; 9- Elabora e emite pareceres sobre aspectos psicológicos envolvidos na situação esportiva, quando solicitado; 10- Encaminha o esportista a atendimento clínico quando houver necessidade de uma intervenção psicológica que transcenda as atividades esportivas; 11-Ministra aulas de psicologia do esporte em cursos de psicologia e educação física, oportunizando a formação necessária a estes profissionais, a prática das atividades esportivas e seus aspectos psicológicos.” (Catálogo Brasileiro de Ocupações).

Tentando clarificar a identidade desta ciência, Brandão (2000) e Rubio (2000a) contribuem apontando qual a função do psicólogo do esporte o **clínico** é o profissional capacitado para atuar com atletas e/ou equipes esportivas; em clubes ou seleções, cuja preparação específica envolve conhecimentos da área de Psicologia do Esporte, não bastando apenas a formação em Psicologia ou Educação Física; o **pesquisador**, cujo objetivo é estudar ou desenvolver um determinado conhecimento na Psicologia do Esporte, sem que haja intervenção direta sobre o atleta ou equipe esportiva; e o **educacional**, que desenvolve a disciplina Psicologia do Esporte na área acadêmica seja na Psicologia, seja na Educação Física.

Machado (1997, p.10) afirma que o psicólogo do esporte deve “trabalhar com realizações, decepções, minimizar efeitos negativos da torcida, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar a cobrança dos pais, fãs e familiares dos atletas”.

Singer (1989), citado por Rubio (2000a), aponta para outros desdobramentos na função do psicólogo do esporte:

“o **especialista em psicodiagnóstico** – faz uso de instrumentos para avaliar o potencial e deficiências em atletas; o **conselheiro** – profissional que atua apoiando e intervindo junto a atletas e comissão técnica no sentido de lidar com questões coletivas ou individuais do grupo; o **consultor** – busca avaliar estratégias e programas estabelecidos, otimizando o rendimento; o **cientista** – produz e transmite o conhecimento de e para a área; o **analista** – avalia as condições do treinamento esportivo, fazendo a intermediação entre atletas e comissão técnica; o **otimizador** – com base numa avaliação do evento esportivo busca organizar programas que aumentam o potencial de performance” (p.125).

No Brasil, Samulski (1992) aponta quatro campos de atuação do psicólogo do esporte, sendo o **esporte de rendimento** aquele em que o psicólogo busca a otimização da performance dos atletas numa estrutura formal e institucionalizada. Nessa estrutura o psicólogo atua analisando e transformando os determinantes psíquicos que interferem no rendimento do atleta e/ou grupo esportivo. Outro campo é o **esporte escolar**, que tem por objetivo os processos de ensino e formação, norteada por princípios sócio-educativos. Neste campo, o psicólogo busca compreender e analisar os processos de ensino, educação, socialização e motivação para aprendizagem e rendimento. O **esporte recreativo**, mais um campo, visa o bem-estar para todas as pessoas praticantes. Sua adesão é voluntária e o psicólogo, nesse caso, atua na primeira linha de análise do comportamento recreativo de

diferentes faixas etárias, diferentes classes sócio-econômicas. A atuação profissional do psicólogo é em relação a diferentes motivos de adesão, interesses e atitudes dos participantes. O **esporte de reabilitação** desenvolve um trabalho voltado para a prevenção e intervenção, visando a regulação psíquica através do esporte. É utilizado por pessoas portadoras de algum tipo de lesão, decorrente ou não da prática esportiva, e também com pessoas portadoras de deficiência física, mental ou social (terapia através do movimento, jogos e danças), sendo este o outro campo de atuação do psicólogo de esporte mencionado por Samulski (1992). Podemos entender que estes campos de atuação se inter-relacionam entre si e entre a Psicologia do Esporte, não existindo uma escala onde um antecede o outro.

Considera-se que estes variados campos de atuação da Psicologia do Esporte necessitam de profissionais com formação consistente, o que não acontece em nossa realidade; considerando-se que o psicólogo tem uma formação deficitária por esta ser generalista, conclui-se que este profissional carece de um vasto conhecimento das questões que permeiam o universo do atleta, como noções de anátomo-fisiologia e biomecânica, e questões específicas do esporte, como as modalidades esportivas, regras, dentre outras. Já o profissional da educação física necessita ter um vasto campo de conhecimento da psicologia, das principais abordagens e suas respectivas técnicas, de conhecimentos a respeito de personalidade, estados emocionais, sentimentos, dinâmica do grupo, dentre outros.

Essas duas áreas, a Psicologia e a Educação Física, têm cada qual no seu âmbito uma gama imensa de objetos de estudo e pesquisa, que contribuem para a falta de identidade da Psicologia do Esporte. Entretanto, atualmente existem alguns poucos livros, artigos, revistas e periódicos que a norteiam; contudo, muito ainda precisa ser descoberto para a Psicologia do Esporte se afirmar e ser o que deve ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes fatos aqui mencionados são um recorte histórico e uma perspectiva futura da Psicologia do Esporte, no cenário brasileiro. Logicamente, num breve artigo não se pode seguir de perto todos os passos desta ciência, que embora ainda esteja engatinhando, aponta para um futuro promissor.

Futuro esse que dependerá da ética dos profissionais, professores e alunos, que representam-na, perante a nossa sociedade. A ética nos diz até onde e como se pode ir, em trabalhos científicos; nos vínculos formados entre alunos e seu curso de graduação; em relações com a Ciência do Esporte e seus diversos profissionais, tais como: médicos, nutricionistas, fisiologistas, comissão técnica e diversos outros profissionais que fazem parte dessa equipe multidisciplinar, inclusive o técnico.

O técnico é uma peça chave fundamental neste quebra-cabeça. Para melhor esclarecer:

“O técnico, centro de decisões de uma comissão técnica, deve enxergar o

psicólogo como um aliado e não como concorrente. Se ele não entender ou não reconhecer o trabalho, não confiará nesse profissional, vislumbrando-o como uma ameaça ao seu poder. O trabalho integrado é fundamental. Os objetivos devem ser comuns” (De Rose Jr., 2000, p. 23).

O técnico está em contato integral com os atletas. Esta relação entre técnico e atleta é paradoxal, podendo tanto contribuir como destruir um time.

Segundo Machado (1997), o esporte cria e gera a sua própria lógica. Embora os fenômenos esportivos sejam independentes das sociedades, eles articulam-se nela, fazendo a sua própria história econômica e política, tendo seu próprio tempo e espaço, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises. Vários fatos comprovam a existência dessa lógica própria do esporte, como, por exemplo, num país de terceiro mundo um jogador de futebol, mesmo sem a formação escolar mínima, ganhando um salário de primeiro mundo.

“O psicólogo do esporte deve dominar três áreas: 1- a da Psicologia; 2- a do Esporte; 3- a do equacionamento das duas áreas. Não basta conhecer uma ou duas – é preciso ter competência nas três” (Feijó, 1992, p.113).

As contribuições provindas dessas duas ciências – Esporte, que estuda os atletas (biomecânica, etc.), e a ciência que estuda as relações humanas – suprem as necessidades do fenômeno que é o Esporte e, quando integradas, dão origem à Psicologia do Esporte.

Hoje, a Psicologia do Esporte encontra-se num momento fundamental para sua afirmação. Os esforços e a seriedade daqueles que são ou serão responsáveis pela sua divulgação e crescimento são de fundamental importância. Cabe a nós, psicólogos, defendermos e demonstrarmos, ética e cientificamente, a utilidade de nossos serviços nessa área.

Utilizando-se uma metáfora, poder-se-ia dizer que a divulgação é fundamental nesta fase do “campeonato”, com o objetivo de estimular a criação de mais trabalhos científicos de “cabeça” ou de “jogadas bem ensaiadas”, como gols a serem comemorados em congressos, jornadas e encontros, aumentando-se, assim, as experiências. Com a troca de experiência de outras “jogadas bem ensaiadas”, chegar-se-á às semi-finais competindo-se de igual para igual com os outros times. Mas agora é vestir a camisa, e suar muito!!!

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, E. Psicologia do Esporte no Brasil. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BECCKER JUNIOR, B. Psicologia de Esporte: rumos e necessidades. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BRANDÃO, M.R.F. A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte. In RUBIO, K.(org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DE ROSE JUNIOR, D. *A Psicologia do Esporte e no Esporte; a participação do profissional do Esporte e da Psicologia*.

In RUBIO, K.(org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FEIJÓ, O. G. *Corpo e Movimento: uma psicologia para o esporte*. Rio de Janeiro: Shape ed. e promoções, 1992.

_____. *Psicologia do Esporte e no Esporte*. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FRANCO, G. S. *Psicologia no Esporte e na Atividade Física, uma coletânea sobre a prática com qualidade*. São Paulo: Manole, 2000.

LARGURA, W.A.N. A Formação do Psicólogo e a Psicologia do Esporte. In DOBRANSZKY, I. A.; MACHADO, A.A. (orgs.) *Delineamento da Psicologia do Esporte: evolução e aplicação*. Campinas: Tecnograf, 2000.

MACHADO, A.A. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

RUBIO, K. (org.) *Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 a.

_____. *Psicologia do esporte, interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 b.

SAMULSKI, D.M. *Psicologia de Esporte. Teoria e Aplicação Prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1992.

SINGER, R.N. *Psicologia dos Esportes: mitos e verdades*. Tradução de Mariana T. B. Porto Vieira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

WEINBERG, R. S. e GOULD, D. *Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício*. 2. ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: ArtMed, 2001.